

Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho

Lourense H. Das *

Ninguém duvida da afirmação que as bibliotecas escolares apoiam a leitura e aprendizagem. Mas servem apenas para isso? Este artigo focará o papel das bibliotecas no contexto educativo e espera contribuir para a reflexão sobre um dos seus mais importantes papéis - o impacto no sucesso educativo do aluno.

Em primeiro lugar, gostaríamos de sublinhar que não há só uma definição para o conceito de biblioteca escolar. Há expressões e definições diversas. Isto é também sublinhado pelo facto de as regiões de expressão inglesa usarem diferentes expressões. Além de *biblioteca escolar*, usam *centro de recursos multimédia*, *centro de informação*, *mediateca*, *centro de aprendizagem aberto*, entre outros.

Também no que respeita à profissão e descrição dos profissionais difere de país para país e muitas vezes de região para região. É quase uma confusão babilónica. Falamos sobre a mesma estrutura e os seus serviços, do mesmo profissional, da mesma função e ainda mais importante, esperamos os mesmos resultados?

Na era pré-digital, em geral, as bibliotecas centravam o seu papel no desenvolvimento de competências da leitura; décadas mais tarde assumem um papel importante nas competências de gestão da informação.

Em alguns países foram publicadas e avaliadas orientações para salientar as funções da biblioteca escolar, mas noutros países, incluindo muitos europeus, não há quaisquer orientações ou normas.

A falta de um entendimento conjunto sobre o papel das bibliotecas escolares, conduz-nos a uma tremenda variedade de programas a nível internacional, nacional e local.

Não se irá aqui descrever as inovações que têm ocorrido nas últimas décadas ao nível da educação, mas tentar perceber a situação actual e a evolução no contexto da sala de aula, independentemente da aprendizagem, da revolução digital, das mudanças na sociedade, da individualização e do impacto destas na biblioteca escolar.

Estamos a viver tempos de revolução: a revolução da tecnologia com inigualável impacto na sociedade, na economia, no desenvolvimento pessoal, nos princípios fundamentais da aprendizagem e no ambiente escolar. Em tempos de revolução a complexidade de situações em simultâneo é enorme. A revolução digital está a provocar grandes mudanças e, também novas soluções. Um vasto número de princípios didácticos e pedagógicos que foram desenvolvidos há séculos estão agora a ser implementados e adoptados, como é o caso dos Países Baixos, a que chamamos "*new learning*".

O que realmente novo é o facto de estarmos agora a implementar aquelas ideias nos nossos sistemas educativos.

Há muitas razões pelas quais os novos princípios educacionais se tornaram questões da actualidade: as necessidades individuais tornaram-se mais importantes; as inovações tecnológicas o papel que estas desempenham na vida dos jovens, estão a influenciar a educação de forma muito significativa. O crescente aumento de abandono escolar e a persistência nos problemas que afectam os jovens para continuarem, com sucesso os seus estudos, a aquisição de competências de autonomia e de pesquisa são outras razões para nos focarmos nos novos princípios de aprendizagem.

Vamos olhar rapidamente para estes desenvolvimentos e observar as consequências que têm nas bibliotecas e nos professores bibliotecários:

Novos princípios de aprendizagem

É reconhecido que os alunos têm diferentes estilos de aprendizagem e que a abordagem clássica nem sempre vai ao encontro das necessidades individuais dos alunos. Os novos princípios de aprendizagem incluem a aprendizagem construtivista, conhecimento baseado na aprendizagem, aprendizagem baseada nos recursos, aprendizagem autêntica e outros modelos. Muitos destes novos princípios incluem a aprendizagem individual e autónoma fora da sala de aula. Isto tem um enorme impacto na forma como a escola e todos os seus serviços são usados diariamente.

Desenvolvimento tecnológico

Quem alguma vez teria adivinhado que os sofisticados Computadores Pessoais e as redes influenciariam as nossas vidas de forma tão dramática? Nem mesmo o próprio Bill Gates, como referiu em 1981, "640K, serão suficientes para uma pessoa". Mas hoje, não podemos nem imaginar PC's com menos de 2 Gigabyte. De quinze em quinze minutos, são apresentadas novas aplicações, outros equipamentos e sistemas de comunicação. Os novos modelos de aprendizagem, tal como os desenvolvimentos tecnológicos têm um enorme impacto nos jovens e nos seus comportamentos.

Comportamentos dos alunos face às tecnologias digitais

Coloco-vos outra questão. Conhecemos e realmente percebemos "as modernas e sofisticadas tecnologias para as crianças e jovens"? Podemos nós imaginar o que pensam e o que sentem? Já percebemos que nunca viram um telefone analógico e que o telemóvel é um equipamento standard; eles são capazes de fazer os trabalhos de casa, enquanto estão a ver televisão e ao mesmo tempo jogar no computador e consideram o SMS e MSN como as últimas formas de comunicação.

Os jovens são as pessoas com quem trabalhamos. O professor holandês Wim Veen descreve-os como "Homo Sapiens" (Veen, 2005): o estudante "zapping" que é capaz de fazer várias coisas ao mesmo tempo, mudando rapidamente de um ambiente electrónico para outro, recolhendo e processando informação de forma completamente inovadora. Estes estudantes não necessitam da sala de aula com quadro preto: eles precisam de um PC com tecnologias sofisticadas num ambiente de aprendizagem flexível e que oferece oportunidades para aprender, praticar, comunicar com os colegas e o professor para trabalhar.

Nós não estamos só a implementar novos princípios de aprendizagem, estamos também a enfrentar um ambiente de aprendizagem completamente novo. Para ilustrar isto, vejamos o desenvolvimento de tecnologias para a aprendizagem:

No final da década de 90 foram lançados os primeiros e-books. Isto provocou uma revolução, porque permitiu fazer o download de um número considerável de livros, num formato muito reduzido. Pensemos nas possibilidades das escolas e dos alunos: todos os livros de texto incluindo os livros de trabalho e os comentários dos professores num único aparelho! Estes primeiros e-books duraram pouco tempo. No espaço de um ano o software ficou desactualizado e os mecanismos de acesso foram substituídos por outros mais sofisticados, como os portáteis e computadores de mãos muito pequenos.

De acordo com Wim Veen e outro, estes aparelhos são os instrumentos de aprendizagem com que teremos de trabalhar no futuro. Num artigo publicado na "Dutch Educacional Network Kennisnet" há alguns anos esta ferramenta de aprendizagem foi descrita como um "digital schoolbag". Neste artigo diz-se: "O que estava nos livros de textos e nos livros de exercícios estará disponível on-line no futuro. Em alguns casos, através da password a informação estará livremente acessível. Muitas vezes, como parte do método de aprendizagem e outras como material independente".

Esta "digital schoolbag" não é ficção científica, mas realidade. Cada vez mais as escolas estão a experimentar e a oferecer aos seus alunos ambientes de aprendizagem a distância "e-learning" ou ainda "m-learning" (Clyde, 2004).

As ferramentas de aprendizagem electrónica e aprendizagem por telefone dão a oportunidade de aprender de forma criativa e ainda mais importante, são ferramentas atractivas para o "homo sapiens" como descritos por Veen. É a aprendizagem com recurso à pasta digital, a

agenda electrónica ou o portátil que podes levar para qualquer lugar, usar a qualquer hora e à maneira de cada um. Ferramentas de aprendizagem para os alunos digitalmente modernos e sofisticados.

A mais valia da biblioteca escolar

Resumindo, concluímos que os princípios educacionais mudaram, mas o mais importante: os alunos mudaram também. Especialmente na forma como aprendem e onde aprendem. A individualização desempenha um papel importante e os alunos trabalham de forma autónoma e também fora da escola. A aprendizagem na sala de aula é só um formato; há muitos outros. Os recursos digitais de aprendizagem e o processo e-learning estão a substituir os livros e as revistas.

Enfrentando todas estas mudanças será altura de nos questionarmos: "se os alunos podem aprender em qualquer lado, com ferramentas e recursos que não estão exclusivamente disponíveis na escola, porque precisamos de uma biblioteca escolar? Esta é uma questão importante, porque é interessante notar que tanto a posição dos alunos como a dos professores neste novo ambiente de aprendizagem é reconhecido, mas muitas vezes sem salientar o papel da biblioteca e do professor bibliotecário. E nos tempos em que os indicadores económicos são factores determinantes para tomar decisões, os resultados dos investimentos tornaram-se vitais e são muitas vezes a única questão crucial. Então, uma vez que a biblioteca escolar não é o único lugar onde se lê, se acede à informação e se usa para a construção do conhecimento, não parece ser óbvio que a escola invista na biblioteca escolar e no professor bibliotecário.

A falta de interesse dos gestores e decisores quanto às bibliotecas escolares tem um enorme impacto no desenvolvimento daquelas e na profissionalização dos professores bibliotecários. É por isso vital enfatizar o papel específico da biblioteca escolar e do professor bibliotecário e mostrar a sua mais valia e contributos para a aprendizagem.

Nos últimos 40 anos, um conjunto de estudos tem provado que a biblioteca escolar tem um impacto positivo na aprendizagem e o professor bibliotecário tem um papel fundamental na promoção da aprendizagem em geral e na literacia da informação em particular. Dependendo dos investimentos que são feitos 10-20% (Lance & Loerschter, 2005) podem ser alcançados melhores resultados na aprendizagem. Claro que para os conseguir, o investimento nas bibliotecas é vital. Este não inclui computadores, estantes, mesas, cadeiras e outros serviços, mas sim os Recursos Humanos, a Coleção e a Cooperação entre professores e professores bibliotecários. Os alunos que beneficiam dos investimentos nas bibliotecas escolares serão alunos com competências literácicas e com formação para a aprendizagem ao longo da vida. As implicações económicas desta questão continuam por definir.

Um investigador que tem feito um extraordinário trabalho na defesa das bibliotecas escolares é o DR. Ross Todd. No seu extenso trabalho de investigação Todd (Todd, 2005) mostra que a nova aprendizagem é facilitada pelas bibliotecas escolares e pelos professores bibliotecários: ele afirma que as bibliotecas podem ter um impacto positivo no sucesso educativo dos alunos, particularmente nos primeiros níveis do ensino básico e secundário, desde que a biblioteca escolar seja orientada por um bibliotecário credenciado, um especialista em informação que está activamente envolvido no desenvolvimento do currículo a nível individual, em grupo e na sala de aula.

Dr Ross Todd e Carol Kuhlthau desenvolveram um conceito didáctico inovador chamado "guided inquiry". Este conceito é baseado na extensa investigação feita por ambos. A pesquisa orientada descreve um novo conceito pedagógico no qual professores e professores bibliotecários trabalham em conjunto.

Neste conceito a moderna biblioteca escolar não é apenas a biblioteca, mas o centro da aprendizagem e do conhecimento da escola. Um centro de aprendizagem com apoio profissional disponível: o bibliotecário! A investigação feita por Ross Todd e outros mostra que uso eficaz e efectivo dos recursos da biblioteca e de outros serviços na educação não depende apenas do sistema, mas simplesmente dos recursos humanos, mais especificamente da equipa

da biblioteca. O conceito de "guided inquiry" inclui a biblioteca escolar e o professor bibliotecário no ambiente educativo. A biblioteca escolar é mais do que uma simples estrutura, uma sala com computadores e livros. É mais do que uma sala onde os alunos trabalham e aprendem de forma autónoma. A biblioteca escolar desempenha um papel fundamental na aprendizagem. Por outras palavras: a biblioteca escolar não é "a biblioteca na escola, mas toda a escola é uma biblioteca"

Cooperação entre bibliotecários escolares e professores

Se tivermos em conta a definição de "guided inquiry" podemos perceber que professores e professores bibliotecários trabalham em conjunto e o professor bibliotecário faz parte da equipa que integra o processo de aprendizagem. Colocando de outra maneira: o professor bibliotecário "ajuda os professores a ensinar".

O professor bibliotecário não "exclui" os professores, pelo contrário ajuda-os no processo de aprendizagem. De facto é um duplo ganho: o professor tem um parceiro complementar, um colega com competências específicas que completa as competências do professor. E juntos contribuem grandemente para aumentar os resultados dos alunos.

Há muitas maneiras e modelos de cooperação entre professores e bibliotecários escolares. Tomemos como exemplo 4 modelos extensamente descritos por Patrícia Montiehl-Overall (Montiehl-Overall, 2005). Estes modelos baseiam-se nas taxinomias de Loertscher (Loertscher, 2000).

Model A: Coordination	Model C: Integrated instruction
Model B: Cooperation/ partnership	Model D: Integrated curriculum

No modelo A e B o professor bibliotecário tem somente um papel de apoio.

No modelo A o professor bibliotecário apoia uma parte específica do currículo, de forma a orientar actividades ou projectos o melhor possível. E as actividades não se focam directamente na melhoria dos resultados de aprendizagem.

No segundo modelo a cooperação vai um pouco mais longe. Há um compromisso maior do bibliotecário escolar, mas não há equitativa divisão de responsabilidades e tarefas. Aquele apoia os objectivos da educação, mas não é a personagem principal do processo educativo.

No modelo C e D o bibliotecário escolar desempenha um papel importante no processo ensino aprendizagem:

No modelo C o professor e o professor bibliotecário trabalham em conjunto na planificação e execução do processo de aprendizagem integrado, baseado em objectivos partilhados e trabalham tendo em vista a melhoria dos resultados.

O modelo D é uma extensão do modelo C alargando-se a todo o currículo, a todos os níveis, todos os estudantes ao longo de todo o ano. Neste modelo o papel do órgão de gestão é fundamental. Este facilita o desenvolvimento integrado do currículo, oferecendo tempo, espaço, apoio financeiro e possibilidades para o desenvolvimento profissional tanto dos professores como dos bibliotecários escolares. O órgão de gestão considera que os professores e o professor bibliotecário têm valor igual e usa o conhecimento especializado deste último para melhorar a cooperação e os resultados.

Há, claro, mais modelos para descrever, modelos mistos. Estes exemplos devem servir de inspiração para desenvolver outros modelos nas escolas. A cooperação entre professores e professores bibliotecários é, como foi atrás referido, fundamental para justificar a mais-valia que é a biblioteca escolar.

Tendências na Europa

A investigação e os modelos acima descritos são todos de origem Anglo-Americana. Na Europa os desenvolvimentos em biblioteconomia escolar são um pouco diferentes e, por isso, é interessante conhecê-los. Sublinho que é difícil falar sobre “Escola europeia de biblioteconomia escolar”, porque as diferenças nos sistemas educativos e por isso, nas bibliotecas escolares são enormes: não somente a nível nacional, mas também a nível regional. Existe um número reduzido de factores que influencia o desenvolvimento das bibliotecas escolares na Europa:

Não existe informação disponível sobre as bibliotecas escolares.

Helen Boelens (Boelens, 2007), dos Países Baixos, encontra-se presentemente a fazer investigação para o seu doutoramento em bibliotecas escolares. Desde 2003 enviou 2 estudos para todos os países europeus. Revelou-se muito complicado estabelecer contactos para recolher a informação para este estudo. Na maioria dos casos, foram usados os contactos das Bibliotecas Nacionais, mas algumas desconheciam a existência, no seu país, de um movimento ou associação de bibliotecas escolares. Muitas vezes não conseguiram responder às questões porque desconheciam o que se passava, à data, nas escolas.

Outro facto alarmante tem a ver com a inexistência de informação disponível sobre as bibliotecas escolares na Europa, no sítio europeu do Eurostat.

Como provavelmente se compreenderá é muito difícil desenvolver uma política sem a informação adequada.

A investigação europeia sobre as bibliotecas escolares é difícil de localizar e usar.

A investigação realizada por Ross Todd e seus colegas e as suas implicações, apenas encontrou eco em algumas partes da Europa. A questão é portanto esta: não estarão as bibliotecas escolares europeias interessadas ou passa-se algo mais?

Quatro explicações possíveis são aqui descritas, embora possam, provavelmente, existir mais:

Grande parte da investigação é em língua inglesa, logo existe a barreira da linguística.

As bibliotecas escolares são muitas vezes apoiadas através das associações das bibliotecas nacionais e não através das instituições governamentais. Assim, o papel específico do professor bibliotecário no processo educacional é subestimado.

Alguns países europeus, a história das bibliotecas escolares é bastante recente. Por isso, a importância destas ainda não foi assumida pelos decisores. Desde o séc. XIX, nos EUA e na Austrália, as distâncias geográficas estimularam a instalação de bibliotecas comunitárias dentro da escola local. O duplo papel que aquelas bibliotecas desempenharam, levaram os investigadores e dirigentes governamentais a dar mais atenção a essas bibliotecas e a desenvolvê-las.

A investigação publicada nas línguas de origem nem sempre é traduzida, dificultando, assim, a sua disseminação.

A falta de programas especiais de formação para os bibliotecários escolares.

Os progressos na educação, na sociedade e a revolução tecnológica, bem como o papel que o bibliotecário escolar desempenha no processo educativo, torna necessário que os professores bibliotecários aperfeiçoem as suas qualificações e aumentem o nível do serviço que prestam aos

professores e alunos. Devido à quantidade de informação actualmente disponível (em formato tradicional e digital), a actualização dos bibliotecários tornou-se essencial. Se os programas nacionais não se

encontram disponíveis, os programas de e-learning podem ajudar a

facultar esta formação, dado serem programas globais e não apenas restritos a um país em particular. O problema reside no diploma obtido através desta modalidade de formação, o qual necessitaria de reconhecimento numa base à escala internacional. E não é o caso.

O papel das bibliotecas públicas

A cooperação entre escolas e a biblioteca pública local tem sido encorajada por estas e pelos Ministérios da Educação. A investigação revela a existência de um interesse crescente na cooperação e no papel que as bibliotecas públicas podem desempenhar junto das escolas: o conceito de "joint-use/bibliotecas de uso partilhado". Este tem sido apoiado, em muitos países europeus, uma vez que as bibliotecas públicas podem oferecer aos alunos os mesmos serviços que as bibliotecas escolares, de forma mais eficiente ou, até mesmo, substituí-las. Tal pode tornar-se um obstáculo ao desenvolvimento das bibliotecas escolares se estas forem unicamente inspiradas em indicadores económicos, e se o papel incerto da biblioteca escolar e pública não for reconhecido (Bundy, 2001). (Das, 2005).

Embora os papéis da biblioteca escolar e da biblioteca pública sejam complementares, isto não significa que não possam trabalhar em conjunto. A cooperação e as mais valias do "joint-use" são levadas a cabo, com sucesso, em países de todo o mundo. Na Austrália e na Escandinávia existem parcerias sólidas entre as bibliotecas escolares e públicas.

Em geral, as parcerias de sucesso baseiam-se em acções cuidadosamente planeadas, em relação às quais ambas as partes definem objectivos, descrevendo semelhanças e diferenças.

Apoio às Bibliotecas Escolares

Os desenvolvimentos ocorridos na Europa, a este nível, foram fortemente impulsionados pela implementação do primeiro movimento europeu de bibliotecas escolares em 2003, em Amesterdão, chamado ENSIL (European Network for School Libraries and Information Literacy)

Esta rede de informação cresceu para 85 participantes, em 21 países, em 2008. Em Abril deste ano a ENSIL foi constituída uma Fundação, com sede na Holanda e chama-se agora "Stiching Ensil". Esta baseia-se no seguinte princípio: "A investigação internacional mostra que os resultados da aprendizagem nos alunos é fortemente influenciada pelo papel das bibliotecas escolares. Todos os aprendentes, em todos os países da Europa, têm direito a bibliotecas e serviços de qualidade. Para tal, cada país e a União Europeia devem adoptar e implementar os princípios do manifesto da IFLS/UNESCO para as Bibliotecas Escolares: <http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/schoolmanif.htm>. A ENSIL convida todas as bibliotecas e outras organizações educativas, na Europa a contribuir para discussão e acção (Amsterdam Statement, 2003)".

Os objectivos da Fundação são:

- Investigação sobre o desenvolvimento das bibliotecas escolares e a profissão dos professores bibliotecários;
- Disseminação da informação sobre as bibliotecas escolares e a profissão dos professores bibliotecários;
- Políticas de desenvolvimento para as bibliotecas escolares e a profissão dos professores bibliotecários;
- Comunicação entre profissionais na área das biblioteconomia escolar
- Promoção do desenvolvimento profissional dos professores bibliotecários.

A ENSIL tem conseguido desenvolver um sitio com recursos e informação relativos à biblioteconomia escolar na Europa <http://www.ensil.eu>, e uma lista de discussão.

A Associação Internacional de Biblioteconomia Escolar (IASL) desempenha um papel importante no desenvolvimento de iniciativas nacionais e continentais, tais como a ENSIL. A divulgação de toda a investigação mencionada neste artigo tem sido apoiada e realizada através do sítio da IASL, o qual sofreu recentemente uma reestruturação: <http://www.iasl->

[online.nl](#) . A IASL, a nível internacional e a ENSIL, a nível europeu, aceitaram o desafio e ambas trabalham na melhoria das bibliotecas escolares e no desenvolvimento profissional dos professores bibliotecários (IASL, 2007). Existe ainda um terceiro parceiro que contribui para o desenvolvimento das bibliotecas escolares, a secção das bibliotecas escolares e o centro de recursos da IFLA: <http://www.ifla.org/VII/s11/index.htm> . No sítio da secção das escolas da IFLA, encontram-se documentos interessantes, tais como, o manifesto da biblioteca escolar, as orientações e o kit de apoio para a promoção das bibliotecas escolares.

A biblioteca escolar do séc. XXI

Os desenvolvimentos revolucionários em educação e tecnologia, a mudança de atitude dos alunos em relação à aprendizagem e ao “pensamento económico” contemporâneo têm um impacto enorme nas bibliotecas escolares. A questão problemática colocada anteriormente não é de resposta difícil: Sim, precisamos das bibliotecas escolares e de professores bibliotecários porque existe prova irrefutável quanto ao impacto das bibliotecas na aprendizagem, nos resultados educativos do aluno e, através deste, na sociedade e no desenvolvimento económico. Precisamos de bibliotecas escolares fortes, com um bibliotecário escolar que seja agente dinâmico no processo de aprendizagem do aluno e no seu sucesso educativo. Existe um desafio real em jogo, não apenas para os professores bibliotecários, mas também para os gestores escolares, decisores e políticos.

Temos constatado qual o efeito da nova aprendizagem e tecnologia nos alunos. Cada vez mais estes decidirão por si como e onde aprender. Os desenvolvimentos tecnológicos oferecem numerosas possibilidades. Para além disto, a investigação também nos mostra aquilo que os alunos mais gostam relativamente à sua biblioteca - a possibilidade de encontro num ambiente agradável; para os alunos, a biblioteca escolar é um espaço social que potencia o trabalho individual ou em grupo, a troca de informação, ideias e conhecimento e o local onde podem confiar na orientação e apoio que lhes é oferecido pela equipa da biblioteca escolar.

A investigação conjunta baseada na evidência de dados mostra-nos que as bibliotecas escolares oferecem valor acrescido: contribuem significativamente para a melhoria do sucesso educativo dos alunos.

Para conseguir este objectivo precisamos de uma visão clara (Das, 2007) acerca da biblioteca escolar para o séc. XXI.

Nesta perspectiva, a biblioteca escolar é mais do que uma sala com livros e serviços: é uma *função* na escola. Para executar esta função, a biblioteca escolar precisa de usar todas as novas tecnologias e de se antecipar face às novas concepções educacionais, tais como o e-learning e o m-learning. A biblioteca escolar não é apenas um centro de aprendizagem e conhecimento para os alunos, mas também o é para os professores, pessoal não docente, estruturas de gestão e, possivelmente, para os pais. Esta é o portal – físico e virtual – para todos os recursos e serviços. A nova função da biblioteca escolar pode descrever-se como “*uma biblioteca escolar sem fronteiras*”, uma vez que possibilita acesso permanente, a partir de qualquer ponto. Pode ser implementada de diferentes formas e, por conseguinte, garante soluções à medida para as escolas, a nível individual, aplicações inovadoras em NTIC e em concepções educacionais.

A biblioteca escolar não só estimula, potencia e facilita mas também promove a aprendizagem. Nesta biblioteca, o conteúdo importa mais do que tudo! E isto não se consegue exclusivamente com livros e computadores.

Esta biblioteca antecipa-se aos desenvolvimentos actuais e oferece numerosas possibilidades de cooperação com um vasto número de parceiros: escolas, bibliotecas públicas, museus, e outros, mas sempre tendo como ponto de partida a escola e o seu objectivo educativo.

Esta é uma biblioteca escolar que oferece um conjunto alargado de recursos, físicos e virtuais, serviços e numerosas possibilidades para trabalhar e estudar, tanto individualmente como em grupo. É uma biblioteca onde a leitura é acarinhada e fomentada e o desenvolvimento da literacia da informação é vital. É uma biblioteca que evoluiu de "*just a library*" para um centro de aprendizagem e conhecimento que oferece a base para a aprendizagem ao longo da vida.

O aluno actual deseja ser o "capitão" da sua própria aprendizagem. Mas isso implica a sua orientação nesta viagem da informação. O professor bibliotecário é o guia que tudo fará para que o aluno chegue a bom porto. Se tal acontecer, a biblioteca escolar provará, sem qualquer dúvida, ser a identidade fulcral da aprendizagem, em pleno séc. XXI e no futuro.

Nota ao autor:

Lourense H. Das licenciou-se em Ciências Biblioteconómicas (BA) em 1976. Desde então tem trabalhado em diversas bibliotecas escolares e do ramo educacional. Em 1998, fundou o *Meles Meles School Library Service*, uma empresa privada de consultadoria para bibliotecas escolares e estruturas governamentais. Lourense foi assessora da Organização Holandesa de Bibliotecas Escolares, em Escolas Secundárias (LWSVO) de 2000-2005, é coordenadora da ENSIL (European Network for School Libraries and Information Literacy) desde Março 2003, é Directora da IASL para a Europa, desde Julho 2003, secretária da IFLA, na secção das bibliotecas escolares e secção de centro de recursos, de 2005-2007 e, desde 2005, membro executivo da Associação Holandesa de Bibliotecários, Especialistas da Informação e do Conhecimento.

Mais informação pode ser encontrada em : <http://www.smd.meles.nl>

1. Pasta Digital
2. Telemóvel, Ipod, MP3
3. Pesquisa orientada
4. Utilização conjunta ou dual